

**A reabertura controlada:  
como é fazer jornalismo em Cuba diante de uma gradual reaproximação  
política e com acessos restritos à informação**

***La reapertura controlada:  
cómo es hacer el periodismo en Cuba frente un enfoque político gradual y  
restringido acceso a la información***

Vanessa RUMOR<sup>1</sup>

## **Resumo**

Cuba é hoje o único país socialista da América Latina. Possui um regime de governo diferenciado, leis e formas de controle que podem influenciar no fazer jornalístico dos profissionais da imprensa. Por meio de revisão bibliográfica e da visita pessoal até redações de veículos de comunicação da ilha caribenha, bem como entrevistas com profissionais e análises de alguns meios, a intenção é procurar identificar como é exercer o jornalismo diante da realidade socialista de Cuba e compreender sua problemática.

**Palavras-chave:** Cuba. Jornalismo socialista. Socialismo.

## **Resumen**

Cuba es hoy el único país socialista en América Latina. Cuenta con un sistema diferenciado de gobierno, leyes y formas de control que pueden influir en el periodismo a los profesionales de los medios. A través de revisión de la literatura y la visita personal a las redacciones de los medios de comunicación de la isla caribeña, así como entrevistas con los profesionales y análisis de algunos medios, la intención es tratar de identificar cómo es el periodismo en la práctica de la realidad socialista en Cuba y entender sus problemas.

**Palabras clave:** Cuba. Periodismo socialista. Socialismo.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.  
E-mail: vanessarumor@gmail.com

## Introdução

Um novo capítulo na história da América Latina. Assim pode ser definida a Revolução Cubana, que se iniciou nos primeiros dias do ano de 1959 na ilha caribenha. Após diversos combates e ataques de forças rebeldes comandados por Ernesto Che Guevara, Fidel Castro e Camilo Cienfuegos, a ditadura de Fulgêncio Batista fora derrubada em Cuba, dando início a um período de mudanças no país. Instalou-se um novo governo que, imediatamente, tomou algumas medidas: bancos e empresas foram nacionalizados, grandes propriedades de terra foram expropriadas – o que permitiu a redistribuição de terras – investimentos em saúde e educação, a dissolução do Congresso – voltando a valer a Constituição Cubana de 1940 - cortes de tarifas de eletricidade, entre outras medidas. Assim, Cuba tornou-se um país socialista, ganhando total apoio da ex – União Soviética mas também uma forte dependência da mesma, principalmente em se tratando de relações comerciais: o açúcar produzido na ilha, antes praticamente todo exportado para os Estados Unidos, passa a ser enviado para a URSS, bem como, Cuba passa a receber petróleo de lá, já que os americanos haviam boicotado o envio do combustível para a ilha.

O governo estabelecido por Fidel e Guevara realizava, por meio do socialismo, os sonhos que rondavam os vizinhos continentais: independência econômica e política em relação aos Estados Unidos, fim de uma ditadura sangrenta e, conseqüentemente, a fundação de relações mais democráticas com um melhor nível de vida para toda a população. (BERBEL e VALLADARES, 1994, p.74).

É em 1962, porém, que acontece o embargo econômico dos Estados Unidos com relação a Cuba. Na prática, este fechamento das relações impede acordos comerciais e a livre circulação dos cidadãos entre os dois países, medidas que são, praticamente em sua totalidade, válidas até os dias atuais, com algumas exceções, por conta do lento processo de reabertura que os dois países vivem no presente ano de 2015. De acordo com Sader (1992), “o bloqueio continental à ilha veio sob a alegação de que o regime cubano interferia nos assuntos internos de outros países, exportando a ideia de revolução” (SADER, 1992, p.23). Ainda segundo o autor, “fala-se de Revolução em dois sentidos: para designar o período da luta pelo poder revolucionário e o conjunto do processo, que

consiste nessa luta e nas transformações que ela desencadeia posteriormente” (SADER, 1992, p. 15). Os líderes da Revolução, bem como o sentimento revolucionário, dominam a população e são exaltados até hoje. Pelas ruas, é possível ver imagens de Fidel, Che Guevara e outros revolucionários estampados em *souvenirs* para turistas, em pinturas nas paredes, em quadros por toda a cidade, nos milhares de livros à venda contando a história dos revolucionários. Os moradores, no geral, se orgulham de serem um país livre das influências estrangeiras, sobretudo dos Estados Unidos; tanto que o *slogan* da ilha por onde se passa é *Auténtica Cuba* (Cuba autêntica).



Imagem de Che Guevara ilustrada no prédio do Ministério do Interior na Praça da Revolução, um dos pontos turísticos da capital. À direita, outra imagem do revolucionário estampada numa fachada de moradia em Havana (Fotos: Vanessa Rumor).

Hoje, como país socialista, Cuba tem o governo o principal controlador dos serviços: empresas, produção de produtos, administração de hotéis, serviços essenciais à população, bem como a propriedade dos veículos de comunicação. Sendo assim, supõe-se que o fazer jornalístico também pode ser influenciado pelas formas de pensar e agir da sociedade socialista. Para Kunczik (1997), as seis máximas do jornalismo socialista são quase uma caricatura de si mesmas. De acordo com o autor, o profissional do jornalismo, que exerce a profissão num país socialista, deve ser um funcionário de princípios firmes, entre eles: ser rico em ideias, trabalhar cientificamente, trabalhar com as massas em mente, ter caráter firme e amar sua profissão.

A intenção deste artigo é buscar compreender como é exercer a profissão de jornalista num país socialista, com todas as suas restrições de acesso a informação e bloqueios internacionais em pleno século XXI. Este trabalho foi produzido no mês de maio de 2015 com a viagem desta pesquisadora a capital cubana, Havana, com visitas à redação de uma revista eletrônica e entrevistas com profissionais jornalistas. A

produção do artigo se deu também com o levantamento de referências bibliográficas e análise posterior de jornais impressos recolhidos durante a viagem ao país. Vale ressaltar que o trabalho foi planejado num momento crucial da história de Cuba, onde mudanças notáveis começam a ganhar corpo na sociedade do país:

-Em julho de 2015, logo após a viagem, houve o anúncio de renovação formal de relações diplomáticas entre Cuba e Estados Unidos, significando uma pequena, porém, considerável reabertura de discussões relacionadas a relações comerciais entre os dois países, tais quais: troca de fomento e tecnologia, possibilidade de instalação de vôos comerciais e transporte por balsa ligando os dois países (que estão a apenas pouco mais de 100 quilômetros distantes um do outro, considerando a região da capital cubana e Miami, nos Estados Unidos) e a livre circulação de indivíduos entre os dois países).

-Em agosto de 2015 foram instalados novos pontos de conexão de Internet wi fi na capital Havana para os cidadãos cubanos, um avanço tecnológico e de acessibilidade, visto que boa parte da população não tem acesso fácil e livre a Internet. Também em agosto, houve a reabertura oficial da embaixada americana na capital Havana, com visita de autoridades dos Estados Unidos. Fazia setenta anos que um secretário de estado americano não visitava a ilha.

-Em setembro de 2015 houve a histórica visita do Papa Francisco à ilha, que, em sua maior parte, segue uma religião chamada *santería*, com influências africanas. Durante a viagem, o Pontífice tocou em alguns pontos cruciais: a reaproximação com os Estados Unidos, alto número de presidiários cubanos e as aberturas econômica e políticas. Somente outros dois Papas fizeram a mesma visita: Bento XVI, em 2012, e João Paulo II, em 1998.

## **O que significa fazer jornalismo em Cuba**

Julio García Luis é tratado como um dos maiores pensadores do jornalismo socialista cubano. Faleceu em janeiro de 2012 pouco depois de escrever seu último livro, *Revolución, socialismo, periodismo: la prensa y los periodistas cubanos ante el siglo XXI* (Revolução, socialismo e jornalismo: a imprensa e os jornalistas cubanos diante do século XXI), considerado no âmbito acadêmico uma obra tal qual a uma

enciclopédia do jornalismo. A primeira edição do livro foi lançada em 2013. Julio García Luis participou de lutas estudantis, foi correspondente de guerra, editor, cronista de jornais impressos, ex-presidente da União de Jornalistas de Cuba, professor da Faculdade de Comunicação de La Habana, Doutor em Ciências da Comunicação e autor de diversos livros sobre o jornalismo. Com toda essa bagagem profissional, é considerado na atualidade como um dos nomes de maior reconhecimento quando se trata da análise do fazer jornalístico num país socialista, como Cuba. Por este motivo, tomo por base a obra deste escritor para o debate que se segue.

O jornalismo é uma atividade socialmente legitimada e estruturada que deve assegurar junto a outras, o direito do ser humano a informação oportuna, veraz e o mais ampla possível. O exercício do jornalismo está associado intimamente a afirmação de valores humanos fundamentais, como a dignidade, a justiça, a solidariedade e o apego à verdade. É um meio democrático importante de participação nos assuntos da comunidade e um fator de contrapartida social que apoia a mobilização da opinião pública e na força política e moral que ela é capaz de exercer... Um jornalismo responsável e de qualidade deve contribuir para o desenvolvimento material, espiritual e moral do ser humano (Tradução livre – LUIS, 2013, p.23).<sup>2</sup>

Para Julio Garcia Luis (2013), a imprensa cubana, pela sua origem e tradição, deve reconhecer e praticar as funções universais do jornalismo, de acordo com valores, fins e interesses de toda a sociedade. De acordo com o autor, esse conjunto de funções jornalísticas pode ser resumido da seguinte maneira: Trazer informações relevantes, úteis e oportunas, com o máximo de objetividade, contribuir para a interpretação dos principais acontecimentos de Cuba e do mundo, opinar sobre assuntos que precisem de orientação e um maior esclarecimento, manter vivas as tradições históricas do povo

---

<sup>2</sup>El periodismo es una actividad socialmente legitimada y estructurada que debe asegurar, junto a otras, el derecho del ser humano a la información oportuna, veraz (continua na próxima página) y lo más amplia posible. El ejercicio del periodismo está asociado intimamente a la afirmación de (continuação da página anterior) valores humanos fundamentales como la dignidad, la justicia, la solidaridad y el apego a la verdad... Es un medio democrático importante de participación en los asuntos de la comunidad y un factor de contrapartida social que apoya en la movilización de la opinión pública y en la fuerza política y moral que ella es capaz de ejercer... Un periodismo responsable y de calidad debe contribuir al desarrollo material, espiritual y moral del ser humano.

cubano e liga-las ao presente, fomentar a continuidade e o desenvolvimento da cultura, educação, ideologia e valores cubanos em todos os campos, participar no estabelecimento e condução da agenda pública da sociedade cubana, ajudar na mobilização social orientada pelos principais objetivos econômicos, políticos e sociais do país, investigar a realidade e contribuir com os resultados para a produção do sistema político.

Já em relação ao modelo de jornalismo adotado na Cuba socialista, o autor (Luis, 2013, p.148) ainda defende três grandes princípios característicos conquistados com o período pós-Revolução: a imprensa em Cuba é uma força militante ao serviço da opinião pública, da revolução e do socialismo, a imprensa cubana se sustenta estruturalmente na propriedade social sobre os meios de comunicação e a imprensa cubana reconhece o papel do Partido Comunista como vanguarda política dirigente e consciência crítica por excelência na sociedade. Em resumo, Luis (2013) define nesta citação o significado do jornalismo em Cuba: “na experiência cubana, o jornalismo está mais vinculado, desde as suas origens, à ideia de fazer política, de construir e realizar o projeto independente de nação do que a ideia de imprensa como negócio” (Tradução livre - LUIS, 2013, p.72)<sup>3</sup>. Em contrapartida, ainda para o autor, “o principal objetivo do sistema de meios nas sociedades capitalistas modernas é obter benefícios” (Tradução livre – LUIS, 2013, p. 29)<sup>4</sup>.

A imprensa cumpre, junto a outros muitos fatores (família, escola, sociedade política e civil e suas ideologias) o papel transcendente como agência produtora e reprodutora do sistema político, dos valores e da cultura da sociedade. Em Cuba, como em qualquer parte do mundo, ao definir o modelo de imprensa se estava adotando o modelo de regulação que pode ser funcional para estes fins (Tradução livre - LUIS, 2013, p.87).<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> En la experiencia cubana, pues, el periodismo esta más vinculado desde sus origenes a la idea de hacer política, de construir y realizar el proyecto independiente de nación que a la idea de la prensa como negocio.

<sup>4</sup> El principal objetivo del sistema de medios em las sociedades capitalistas modernas es obtener beneficio.

<sup>5</sup> La prensa cumple, junto a otros muchos factores (familia, escuela, sociedad política y civil y sus ideologias) el papel trascendente como agencia productora y reproductora del sistema político, de los valores y cultura de la sociedad. Em Cuba, como em cualquier parte del mundo, al definirse el modelo de prensa se estava adoptando el modelo de regulacion que puede ser funcional a esos fines.

Mas não se pode ignorar aqui o fato da opressão ao trabalho de jornalistas em Cuba, constantemente relatado nas mídias estrangeiras. Segundo um levantamento feito pelo Comitê de Proteção a Jornalistas (2015), uma organização sem fins lucrativos sediada em Nova York, Estados Unidos, mostra que Cuba está entre os 10 países<sup>6</sup> (na décima colocação, mais exatamente) com maior censura no mundo. O principal problema, de acordo com o levantamento, seria a restrição do acesso à Internet em países comandados por partidos comunistas, como é o caso de Cuba. Segundo a reportagem no site do Comitê de Proteção a Jornalistas (2015), que divulgou o levantamento, as situações encontradas em Cuba que levaram a esse posicionamento no ranking são: os meios impressos e audiovisuais estão sob controle absoluto do estado comunista e precisam atuar conforme os valores da sociedade capitalista, existe bloqueio de conteúdo por parte do Partido Comunista: jornalistas e blogueiros independentes que publicam na Internet precisam se utilizar de sites que estão hospedados a partir de suportes técnicos baseados em outros países ou devem ir a embaixadas estrangeiras ou hotéis para postar conteúdos e ter acesso a uma conexão de Internet sem filtros e o governo cubano só concede vistos de permanência a jornalistas estrangeiros de maneira bastante seletiva.

Já o trabalho do jornalista e escritor cubano, radicado na Espanha, Julio San Francisco, dá uma mostra de parte da censura sofrida pelos profissionais que alguns jornalistas conseguem denunciar. O autor faz parte do Movimento Cubano de Jornalismo Independente (*Movimiento Cubano de Periodismo Independiente*) que reúne profissionais que não fazem parte dos meios de comunicação oficiais do Partido Comunista Cubano. Na sua última obra publicada, San Francisco (2011) questiona a opressão sofrida pelos profissionais e diz que os jornalistas tidos como independentes, que não fazem parte desses meios de comunicação do governo, são vistos pelas autoridades como “vilões”, “inimigos da sociedade cubana” e “agentes da propaganda norte-americana e anti-Cuba”. “Exercer o trabalho de jornalista oficial em Cuba é uma realidade que somente quem tem vivido pode compreender, explicar e talvez justificar,

---

<sup>6</sup>Na lista do Comitê de Proteção a Jornalistas aparecem, nesta ordem, os países com maior censura do mundo: 1) Eritreia, 2) Coreia do Norte, 3) Arábia Saudita, 4) Etiópia, 5) Azerbaijão, 6) Vietnã, 7) Irã, 8) China, 9) Mianmar e 10) Cuba.



pois a prática no meio é de uma brutal tirania” (Tradução livre - SAN FRANCISCO, 2011, p. 34).<sup>7</sup>

## **O acesso à Internet em Cuba**

Sendo a Internet um dos principais meios de informação e ligação com o restante do mundo – como uma ferramenta importante para profissionais do jornalismo - surgiu uma das perguntas deste trabalho: diante da censura exercida nos meios, conforme falado anteriormente, como fazem os jornalistas para se comunicar, se informar do que acontece em seu entorno, acessar a Internet e poder exercer seu trabalho? Para isso, antes, é necessário entender como se dá o acesso a esta tecnologia no país.

Acessar a Internet não é algo simples em Cuba. Nem para os turistas e muito menos para os próprios moradores. A conexão à Internet é liberada apenas para moradores que possam pagar pelo seu uso (pouquíssimas pessoas, já que o custo do serviço é caro e os salários são baixos) e também tem liberação para o acesso funcionários do governo (o que incluem jornalistas dos órgãos oficiais de imprensa e professores). O acesso se dá no trabalho, nas casas e em salas de navegação públicas, como veremos a seguir.

---

<sup>7</sup>Ejercer el trabajo como periodista oficial en Cuba es una realidad que solamente quienes hemos vivido podemos comprender, explicar y -quizás- justificar, pues se practica en medio de una brutal tiranía.





Aviso fixado à parede de uma das salas de acesso à Internet num hotel na cidade de Varadero. No documento de controle e limite de acesso constam os nomes dos funcionários que tinham permissão para entrar naquela sala, bem como, para acessar a Internet para ajudar algum turista, numa eventual necessidade. O aviso diz, ainda, que se violado o acesso restrito se constituirá na infração da lei de Segurança e Proteção Física do Estado Cubano (Foto: Vanessa Rumor).

A empresa estatal responsável pelo serviço de acesso à Internet se chama *Etecsa* - *Empresa de Telecomunicaciones de Cuba S.A.* No próprio site da empresa está relacionada, na página de dúvidas frequentes, a informação sobre quem são as pessoas que podem ter acesso ao serviço de Internet:

Que pessoas podem solicitar o serviço de acesso à Internet? O serviço de acesso à Internet se oferta a pessoas jurídicas e a pessoas estrangeiras com residência temporária ou permanente em Cuba. Neste momento este serviço não é ofertado a pessoas naturais cubanas ou estrangeiras residentes no exterior que venham a turismo à ilha (estas precisam se dirigir às salas de navegação) nem ao setor residencial cubano (Tradução livre - ETECSA, 2015).<sup>8</sup>

Hoje, em toda a ilha são, pelo menos, 256 salas de navegação operadas pela Etecsa, de acordo com o site da empresa (ETECSA, 2015). São salas propriamente ditas, com computadores de acesso ao público ou salas instaladas nos hotéis das principais cidades do país. Nestes locais, como falado anteriormente, os cidadãos

<sup>8</sup> ¿Qué personas pueden solicitar el servicio de acceso a Internet? El servicio de acceso a Internet se oferta a personas jurídicas y a personas naturales extranjeras con residencia temporal o permanente en Cuba. Por el momento este servicio no se oferta a las personas naturales cubanas o extranjeras residentes en el exterior que vengan de turismo a la isla (estas deben acudir a las salas de navegación), ni al sector residencial cubano.

podem acessar a Internet. É preciso comprar um cartão de acesso, chamado *Nauta*, que contém uma senha que dá direito a uma hora de navegação. Essas condições são válidas tanto para turistas quanto para moradores. À época da viagem, maio de 2015, um cartão com acesso à Internet por uma hora estava custando o equivalente a 17 reais. Vale ressaltar que a velocidade da conexão é extremamente lenta, situação observada por esta pesquisadora em todos os locais acessados, bem como, por meio de relatos próprios moradores. Isso se deve, em parte, ao sucateamento dos cabos de fibra ótica.



*Nauta*: cartão de acesso a Internet vendido em Cuba. (Fotos: Vanessa Rumor)

## Um panorama do jornalismo e dos meios de comunicação atuais em Cuba

Tomando por base uma publicação do Comitê de Imprensa do Partido Comunista Cubano, o órgão oficial de imprensa, será relatado abaixo um resumo dos veículos de comunicação cubanos e das entidades ligadas ao jornalismo na ilha caribenha. O trabalho chama-se *Directorio de Comunicacion Nacional* (2014). A última edição conta com 196 páginas e é uma espécie de guia da imprensa cubana, e é editado pelo Centro de Informação para a Imprensa a cada dois anos.

De acordo com a publicação, Cuba tem 21 **associações e organizações de comunicação** espalhados pelo país. São associações, entidades de classe, centros de informação para jornalistas e escritórios de apoio nas principais cidades da ilha; a minoria, apenas, não governamental.

Com relação ao **ensino** de Comunicação e Jornalismo, Cuba conta 02 cursos de Cinema no país e outros 06 de Jornalismo e Comunicação Social. O mais importante deles fica na capital, Havana, na *Facultad de Comunicacion* da Universidade de La Habana. O curso foi criado em 1985 e hoje oferta, além da graduação, especialização e mestrado na área.

A principal **emissora de rádio** da ilha se chama *Radio Cubana*. Foi fundada em 1922 e abrange 98% do território nacional com programação variada. Outras 07 rádios também estão no ar em rede nacional e são segmentadas: uma com noticiário internacional veiculado em outros idiomas, rádios com transmissões esportivas, programas informativos, de músicas, etc. Outras 18 rádios tem programação regional, de acordo com cada província cubana e ainda existem mais 67 emissoras de rádio municipais.

Já com relação as **emissoras de TV**, de acordo com o guia, é a TVC – *Television Cubana* – a responsável pela produção da programação de outras cinco emissoras de rede nacional: a Cubavision, Tele Rebelde, Canal Educativo 1 e 2 e Multivision. Outras 17 emissoras de TV existem com programação regional, de acordo com cada província e além delas, mais outras 18 com programação municipal, lembrando que todas são subsidiárias da programação de rede nacional da TVC.

Durante a estadia em Cuba, tive a oportunidade de assistir alguns telejornais da Cubavision, uma das emissoras de rede nacional. Foram contatadas algumas emissoras via email anteriormente a viagem, na tentativa de agendar uma visita, mas nenhuma redação autorizou minha presença, ao passo que algumas nem responderam às minhas solicitações. O telejornal ia ao ar às 11 e meia da noite e vinha logo após um programa de entrevistas com especialistas sobre variados temas. Entre as reportagens observadas, a maioria se referia a obras do governo: uma reportagem sobre programas de investimento em pesquisas de saúde, reportagem sobre a fabricação de fogões populares para distribuição à população de forma gratuita, reportagem sobre políticas públicas e ações do governo para proteção da vida marinha numa província ao norte. Nos intervalos comerciais chamou a atenção que as propagandas também eram referentes a obras ou serviços governamentais. Como praticamente não há empresas privadas, não há também comerciais pagos por particulares. Não se observou durante os dez dias de viagem quaisquer reportagens ligadas à crimes, insegurança, acidentes.

Agora, trataremos dos **jornais impressos**. De acordo com o *Directorio Nacional*, São, no total, 17 por todo o país com publicação diária. O mais antigo deles, de 1957, chama-se *Sierra Maestra*, da cidade de Santiago. Já um dos mais importantes é o *Granma*, fundado em 1965 e que é o órgão oficial do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba. Tem uma tiragem de 500 mil exemplares diários, em formato

tabloide e possui sucursais em 12 províncias da ilha. Possui uma versão internacional que circula semanalmente, editada em espanhol, inglês, francês, português e alemão, com versões online inclusive. É mais encontrado nas grandes cidades, principalmente nos hotéis para acesso aos turistas, e traz informações não só das cidades cubanas, bem como um resumo do que de mais importante aconteceu no mundo na referida semana de publicação.

Durante a viagem, a entrada desta pesquisadora na redação de *Granma* não foi permitida. A alegação, mesmo que com diversos pedidos anteriores via email, é que o horário não seria o mais adequado. O fechamento do jornal se dava no fim da tarde e minha visita poderia atrapalhar o trabalho. Restou-me a opção de analisar as versões impressas dos dias em que estive na capital, Havana. Tive acesso a três edições do jornal, duas locais e uma internacional.



Edições analisadas do jornal *Granma*: as duas primeiras versões nacionais e a última, uma edição internacional para turistas (Fotos: Vanessa Rumor).

A primeira edição observada é do dia 21 de maio de 2015, quinta-feira. A capa destacava manchetes sobre a visita do presidente da Sérvia a Fidel Castro e a visita de uma autoridade cubana em cidades do oeste do país como forma de evidenciar que a comunicação é uma ferramenta importante de diálogo com os moradores. Nas páginas internas as reportagens tratavam, além dos assuntos de capa, sobre um congresso que iria se realizar na capital, uma notícia relacionada a Venezuela (vale lembrar aqui que Cuba tem uma grande simpatia pelo país sul-americano por causa da inclinação ao socialismo), reportagem sobre novos encontros entre autoridades cubanas e americanas para diálogo sobre reabertura das embaixadas e uma notícia relacionada a um boxeador cubano. A segunda edição analisada, do dia 22 de maio de 2015, uma sexta-feira, trazia

na capa três manchetes principais: novamente a visita do presidente sérvio a Fidel Castro, o processo de beatificação de um religioso cubano e os destaques da 12º edição da Bienal de La Habana – o principal evento de divulgação da arte cubana - que começava naquela semana. Nas páginas internas, destaque para fotos do encontro do presidente sérvio com Fidel Castro, reportagem de duas páginas sobre a implantação e de um novo software para educação, reportagem sobre conversas entre autoridades americanas e cubanas para a reabertura das embaixadas nos respectivos países e um encarte especial de quatro páginas sobre a Bienal, mostrando os artistas convidados e os locais de exposição. Por último, observou-se uma edição internacional do *Granma*, publicada em inglês para turistas. Na capa, mais uma vez, a referência da visita do presidente sérvio a Fidel e um grande destaque a uma obra exibida na Bienal de Havana. Nas páginas internas, reportagens sobre a reunião das autoridades cubanas e americanas, uma matéria sobre um cemitério chinês encontrado em Havana, outra sobre a luta entre boxeadores de Cuba e México, um encarte especial sobre a Bienal, outra reportagem especial sobre um campeonato de pesca realizado na capital Havana e, por fim, uma matéria especial sobre um grupo de voluntários cubanos que viajou ao Nepal para apoiar vítimas do terremoto ocorrido no país asiático, semanas antes. Nesta pequena amostra, assim como no noticiário televisivo, não se observou nenhuma notícia de acidente, morte, insegurança ou crime.

Para encerrar, o guia *Directorio Nacional de Comunicaion* traz referência a uma **revista eletrônica digital**, uma publicação veiculada na Internet chamada *CubaHora* (disponível em [www.cubahora.cu](http://www.cubahora.cu)). É a primeira revista digital do país, fundada em 1998. Tive a oportunidade de conhecer a sua redação, na capital Havana, que funciona numa pequena sala do prédio de uma gráfica. Possui uma base de dados, compartilha fotos, divulga eventos, serviços e disponibiliza informação ao público e a jornalistas. Ali trabalham sete jornalistas pautados a partir de temas agendados por reuniões, recebem artigos de jornalistas colaboradores e atualizam as informações na página tais quais elas sejam necessárias. No dia da minha visita os jornalistas estavam focados na cobertura da Bienal de Havana.



Redação de *CubaHora*, a primeira revista digital de Cuba (Foto: Vanessa Rumor).

## O que é notícia em Cuba? Um breve parecer dos profissionais

Durante a estadia em Havana, tive a oportunidade de conversar ainda com duas profissionais. Foram entrevistas informais, mas que ajudaram a compreender como é exercer a profissão de jornalista em Cuba e a visão que os profissionais têm do atual momento vivido no país frente a possibilidade de mudanças e reaproximação com os americanos.

A primeira entrevistada foi Livia Reyes Ramírez (2015), diretora da Revista Digital *CubaHora*, diretora do Centro de Informação para a Imprensa, responsável pela coleta dos dados do *Directorio de Comunicacion Nacional*, professora e assessora do Partido Comunista Cubano.

Com relação a experiência de *CubaHora*, a primeira revista digital da ilha, Livia afirma que é um espaço que fala de tudo, não só notícias. “Nossa intenção não é só divulgar informações, é ter uma plataforma midiática, com serviços e conteúdo que agrade as pessoas que possam ter acesso a nossa página”. Ela aposta na possibilidade de instalação da Internet sem fio nas universidades para ampliar o acesso. Diz ainda que a experiência de *CubaHora* mostra que é possível ter uma mídia alternativa de responsabilidade, com bom conteúdo. Preza muito e cobra da equipe a leitura diária dos comentários postados pelos internautas na página e aposta na resposta desses comentários por parte da equipe de jornalismo para fidelizar o público, ouvir sugestões, para que o internauta se sinta com voz e não apenas receba uma resposta automática de agradecimento de participação.



Com relação ao jornalismo e o momento vivido em Cuba, a professora diz que essa abertura lenta mas gradual de acesso à rede mundial de computadores é uma preocupação com o tipo de acesso que a página terá. “A Internet é um espaço comum que precisa ser respeitado. Preocupa ainda a formação dada nas universidades, já que o jornalista precisa construir uma informação com responsabilidade”. Acredita também que não há censura por parte do governo no trabalho dos jornalistas.

Por fim, conversei também com Reina Muro, Mestre em Comunicação pela Universidade de Havana, ex-diretora da Federação de Políticas Públicas para Mulheres Cubanas e que exerceu um cargo por treze anos que regulava as reportagens e fontes a serem ouvidas pelos meios neste respectivo assunto. Hoje é dona de casa e aluga dois dos quartos do apartamento onde mora para turistas – um negócio chamado de *casa particular*, comum entre os cubanos com um pouco mais de condições financeiras e liberado pelo governo como forma alternativa de renda.

Durante a conversa perguntei o que era notícia para ela, já que em sua casa, ao assistir telejornais, observei que as reportagens não falavam de insegurança, crimes, ao contrário do Brasil. Ela disse que “o mais importante para mim é ver nos jornais e na TV notícias e serviços que vão me ajudar no dia a dia, dicas de como cuidar da saúde, por exemplo. Não temos crimes graves em nosso país, por isso, talvez praticamente nunca vemos este tipo de notícia, e nem nos interessa também. Vale muito mais a pena conhecer a história de uma pessoa que faz algo para melhorar sua cidade ou a vida de seus vizinhos, um artista que tenha uma obra cultural, um trabalho novo a ser divulgado, do que ver a desgraça de uma pessoa. O impacto psicológico nas pessoas ao ver tragédias é muito grande, estraga nosso dia. Para mim a vida cotidiana é notícia”. Ela afirmou ainda que, como não exerce mais um trabalho para o governo, só consegue acessar Internet de casa porque o marido possui autorização para tal, já que é professor universitário. Ela tenta evitar ao máximo a utilização do email pessoal e praticamente nem utiliza sua página pessoal nas redes sociais para evitar ter problemas com o governo; tanto que nossas conversas anteriores a viagem por email só eram respondidas por ela, em média, uma vez por semana.

Reina, em seu trabalho, contou também que os veículos de comunicação, principalmente as TVS, apesar de fazerem parte do próprio governo, precisavam agendar com antecedência as reportagens. Os produtores precisavam passar uma lista



com a intenção da reportagem, que tipos de imagens, que entrevistados serão necessários. Um procedimento, no entendimento desta pesquisadora, submetido a um certo controle do que pode ser gravado e transformado em reportagem ou não.

## Considerações finais

Comparando os modos do fazer jornalístico no Brasil, conhecidos pelos profissionais brasileiros e analisando a realidade cubana a partir das amostras coletadas e entrevistas realizadas, percebe-se que os valores profissionais são muito parecidos. Ética e informação correta são levados em conta. Porém, quando levamos em conta os critérios de noticiabilidade, que são o conjunto de itens e ideias que variam para cada veículo e que vão definir o que é notícia ou não, de acordo com as visões de mundo dos profissionais e da política editorial das empresas (ou de quem as controla), observamos várias diferenças. Não foram encontradas, no período analisado, notícias sensacionalistas, de crimes, de insegurança. O que é notícia para nós não aparece, praticamente, nas reportagens cubanas. Ao passo que aqui morte e desgraça são uma constante no jornalismo, por lá, encontramos ênfase, sobretudo, na propaganda oficial do governo e em atividades culturais. Não se pode dizer que é um modelo ideal, já que a realidade é outra, bem como também não foi possível afirmar se essas situações de criminalidade realmente acontecem na ilha, mas acabam sendo omitidas pelo governo, por conta da censura imposta. Mas de uma forma geral observou-se a influência do controle do governo aos meios nos modos de se fazer jornalismo.

## Referências

BERBEL, Márcia e VALLADARES, Eduardo. **Revoluções do século XX**. Editora Scipione, São Paulo: 1994.

Comitê de Proteção a Jornalistas, 2015. Disponível em <https://cpj.org/es/2015/04/los-10-paises-con-la-mayor-censura.php>

Directorio de Comunicacion Nacional (2014). Centro de Informacion para la Prensa, La Habana número 14 – 2014

ETECSA, 2015. Empresa de Telecomunicaciones de Cuba S.A. Disponível em [http://www.etcusa.cu/?page=internet\\_conectividad&sub=datos\\_pmf](http://www.etcusa.cu/?page=internet_conectividad&sub=datos_pmf)

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo norte e sul**: manual de comunicação. São Paulo, Editora da USP: 1997.

LIVIA REYES RAMIREZ. Entrevista concedida para esta pesquisadora em maio de 2015.

LUIS, Julio Garcia. **Revolucion, socialismo, periodismo**: la prensa y los periodistas cubanos ante el siglo XXI. Pablo de la Torriente Editorial, Havana: 2013.

REINA MURO. Entrevista concedida para esta pesquisadora em maio de 2015.

SADER, Emir. **Cuba, Chile, Nicarágua**: socialismo na América Latina. São Paulo, Atual Editora : 1992

SAN FRANCISCO, Julio. **Apuntes para el estudio del movimiento cubano de periodismo independiente**. Lulu Editorial, Espanha: 2011. Disponível em: [http://www.lulu.com/items/volume\\_70/10964000/10964281/1/print/10964281.pdf](http://www.lulu.com/items/volume_70/10964000/10964281/1/print/10964281.pdf)